

## A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DIDÁTICO

BRITO, Silvia Helena Andrade; CENTENO, Carla Villamaina; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (orgs). **A Organização do Trabalho Didático na História da Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. 205 p.

**Maria Angélica Cardoso\***

A categoria organização do trabalho didático insere-se nas pesquisas iniciadas pelo professor Gilberto Luiz Alves. Para ele:

[...] qualquer forma histórica de organização do trabalho didático envolve, sistematicamente, três aspectos:

- a) ela é, sempre, uma relação educativa que coloca, frente a frente, uma forma histórica de educador, de um lado, e uma forma histórica de educando(s), de outro;
- b) realiza-se com a mediação de recursos didáticos, envolvendo os procedimentos técnico-pedagógicos do educador, as tecnologias educacionais pertinentes e os conteúdos programados para servir ao processo de transmissão do conhecimento;
- c) e implica um espaço físico com características peculiares, onde ocorre (ALVES, 2005, p. 10-11<sup>1</sup>).

Com o objetivo de debater, ampliar e divulgar as pesquisas historiográficas sobre esse tema, foi organizada, em 2007, a VII Jornada do Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil – HISTEDBR -, cujo fruto é o livro ora resenhado.

O primeiro texto (p. 11 a 38) – *Trabalho Didático e História da Educação: enfoque histórico-pedagógico* – corresponde à conferência de abertura proferida pelo professor Dermeval Saviani. Ele inicia estabelecendo uma relação entre pedagogia e didática, mostrando a articulação entre esses dois aspectos. A seguir, analisa o trabalho didático no desenvolvimento histórico do processo educacional na sociedade capitalista. Para tanto, ele

---

\* Pedagoga pela UFMS, professora das séries iniciais do Ensino Fundamental, especialista em Educação/Formação Docente pela UNIDERP, mestre em Educação pela UFMS, doutoranda em Filosofia e História da Educação pela UNICAMP. E-mial: cardosoangelica@terra.com.br

<sup>1</sup> ALVES, Gilberto Luiz. **O Trabalho Didático na Escola Moderna: formas históricas**. Campinas, SP: Autores Associados, (2005)

desdobra esse desenvolvimento em seis fases: 1ª) período manufatureiro, quando as contribuições de Comenius e as proposições de Mandeville e Sanches Ribeiro se contrapõem; 2ª) advento da Revolução Industrial, quando emerge o método monitorial mútuo; 3ª) fase de expansão do processo de industrialização, contexto no qual “difundi-se a proposta de organização do trabalho didático denominada método intuitivo”; 4ª) predomínio da civilização urbano-industrial, representada pelo taylorismo e fordismo, revistos pelo keynesianismo, fase em que se desenvolvem e divulgam as idéias pedagógicas da Escola Nova; 5ª) fase de maximização da produtividade capitalista, na qual a pedagogia tecnicista advoga a reordenação do processo educativo, fundamentada na teoria do capital humano; 6ª) contexto da globalização neoliberal, que assume as idéias pedagógicas do neoprodutivismo, do neoescolanovismo, do neoconstrutivismo e do neotecnicismo como suas categorias centrais. Ao finalizar a análise de cada fase, Saviani propõe um problema para investigações atuais.

A segunda parte comporta três textos. O primeiro, de Gilberto Luiz Alves (p. 41 a 59) – *História da Educação: a produção teórica sobre o trabalho didático* – contrapõe a concepção de didática esposada por Comenius às atuais concepções que a naturalizam. O autor investiga o conceito de didática em alguns manuais, advertindo encontrar neles uma redução e uma naturalização do conceito, o que o restringe aos estreitos limites da atividade do professor. Alves apresenta dois autores – Regis de Moraes (1986) e Dermeval Saviani (1991) –, que trabalham de forma reflexiva a concepção de didática. Outro grupo analisado pelo autor são os pesquisadores da área da cultura escolar. Alves destaca a relevância das pesquisas nesta área, alertando, contudo, para a necessidade de se discutir os limites dessa opção teórico-epistemológica. Concluindo, o autor reforça que é a organização manufatureira do trabalho didático proposta por Comenius que subsiste, em seus aspectos mais essenciais, até nossos dias e preconiza a necessidade de superar o conjunto desse tipo de organização, pois a superação dos instrumentos de trabalho didático, sobretudo do manual didático comeniano, envolve questões relativas à formação docente.

Lombardi (p. 61 a 86), no segundo texto – *Questões Teóricas e Históricas sobre o Trabalho Didático* – busca articular, a partir da elaboração marxiana, a categoria trabalho didático com seu tratamento. Analisando método de Marx como uma articulação entre os aspectos lógico e histórico, afirma:

Pelo lógico, o trabalho didático aparece como um conceito que, abstrata e teoricamente, reflete o conjunto de relações implicados na modernização da

atividade escolar, particularmente do trabalho docente; pelo histórico, o trabalho didático pode ser aprendido em seu processo contraditório de transformação, acompanhando suas transformações no interior da organização do trabalho escolar e como esta segue, em linhas gerais, a organização do trabalho na sociedade (p. 72).

Para Lombardi, a reflexão acerca da categoria trabalho didático precisa, ainda, de fundamentação lógica e histórica mais ampla. Conclui conclamando os educadores comprometidos a manter “acesa a utopia que recupera o homem que foi perdido de si mesmo, caminhando em prol da construção de um mundo mais justo e igualitário”.

Gonçalves Neto (p. 87 a 118), em *Investigação e Ensino na História da Educação: retomando um debate nunca encerrado*, discute o trabalho pedagógico do historiador da educação, destacando o papel da pesquisa no processo educativo. O autor traça a trajetória e o papel da História da Educação, alertando que é preciso manter vivo o debate teórico, atualizando-o constantemente. O debate e a prática do conhecimento gerado na pesquisa, afirma, devem ser inseridos no processo educativo. O autor chama a atenção dos pesquisadores para alguns aspectos que envolvem a pesquisa e o ensino em/da História da Educação. Para ele, da mesma forma que o debate teórico-metodológico contínuo fecunda a produção investigativa, o questionamento constante sobre o trabalho didático também é necessário, uma vez que escola e as formas de ensino se encontram em constante transformação. Finalizando, adverte que, se a História da Educação precisa ser ensinada, é preciso que seja bem-feita.

Ana Aparecida Arguelho de Souza abre a terceira parte com *Manuais Didáticos: formas históricas e alternativas de superação* (p.121 a 145). A autora parte da constatação, em sua experiência docente, de que o manual didático é ineficaz, enquanto instrumento transmissor do conhecimento, relativamente à necessidade de formação do aluno. A partir daí, percorre a trajetória histórica dos manuais didáticos de língua portuguesa e a literatura, constatando que são marcados pela fragmentação dos textos literários, pelo recorte, pelo abandono dos textos clássicos, pela vulgarização dos conteúdos, dentro de um contexto de barateamento dos serviços escolares. A autora busca, então, alternativas no sentido de superar o livro didático e resgatar o estudo dos clássicos, não como uma volta ao ensino preceptorial da Idade Média, mas como um tipo de formação cultural que permite ao aluno acessar o conhecimento universal, ausente do manual didático e contido nas obras clássicas como elementos fundamentais para a crítica da materialidade e dos valores da sociedade de capital.

Anaete Regina Schelbauer (p. 147 a 176) discorre sobre *Orbis Sensualium Pictus: das lições ilustradas de Comênio no século XVII às lições de coisas da escola primária no século*

XIX. O manual elaborado por Comenius foi “destinado a facilitar aprendizagem tanto do latim quanto da língua materna, com a finalidade de [...] tornar o ensino intuitivo e atingir a compreensão dos conhecimentos gerais por meio das impressões sensíveis, com a aplicação do método intuitivo” (p. 149). Schelbauer analisa os autores que mencionam o *Orbis Sensualium Pictus*; explicita o contexto histórico no qual ele foi produzido e tece considerações acerca de seu conteúdo. Conclui estabelecendo aproximações e diferenças entre as lições ilustradas de Comenius (século 17) e a lição de coisas (século 19). Para ela:

[...] das lições ilustradas, que objetivavam substituir as coisas do mundo sensível, às lições de coisas, propagadas pelos educadores do final do século XIX, observa-se a continuidade da idéia de que o ensino deve ser graduado numa escala do concreto ao abstrato, do fácil ao difícil, da coisa ao pensamento, das coisas antes das palavras (p. 170).

Sandino Hoff assina o texto (p. 177 a 205) que encerra o livro – *A História da Organização do Trabalho Didático: a palavra e a coisa*. Objeto de seus estudos no pós-doutorado, a organização do trabalho didático em Ratke, pedagogo alemão, é apresentada no texto pelo traçado da trajetória histórica do contraditório par *palavra e coisa*, mediante as quais se realiza a relação educativa na organização do trabalho didático da escola moderna, em cuja base estão os pedagogos Ratke e Comenius. Após expor a realidade vivida por Ratke, explicita a perspectiva do trabalho didático proposta pelo pedagogo alemão, cujos principais instrumentos são o ensino coletivo, as séries contínuas e o livro didático, juntamente com o método intuitivo. Hoff conclui mostrando como “o ensino lida com a palavra a buscar grudar-se na realidade de onde ela provém; no entanto, essa realidade é captada em forma de objeto empírico, natural, não transformado e sem abrigar em seu seio a sua construção contraditória na sociedade de classes” (p. 204).

O conteúdo deste livro traz, em seu bojo, um pequeno embate, ou melhor, uma indagação: trabalho didático, trabalho pedagógico, trabalho docente, trabalho escolar são categorias que podem ser consideradas sinônimos ou são apenas diferenças conceituais originárias do referencial teórico-metodológico sob o qual elas são tomadas? Mais importante que isso, é que seus textos não só ampliam as oportunidades de debate sobre o trabalho didático que têm como foco o interior da escola, como abrem novas perspectivas de investigação no campo da História da Educação (só no texto do professor Saviani são listadas seis), mantendo “vivo o debate teórico [e] atualizando-o constantemente”, conforme alertou Gonçalves Neto.

Recebido: outubro/2010  
Aprovado: dezembro/2010